

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS COM TDAH E TEA: CONSTRUINDO SUBSÍDIOS PARA FORMAÇÃO DOCENTE DAS SÉRIES INICIAIS.

Erick Pantoja Lobo ¹
Lucas Samyr Silva do Espírito Santo ²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar estratégias pedagógicas eficazes para a alfabetização de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir de uma revisão bibliográfica. Com base nas informações obtidas, pretende-se elaborar um material que possa ser utilizado em cursos de aperfeiçoamento para docentes, dentro de programas de formação continuada, contribuindo para um ensino mais inclusivo e adaptado às necessidades desses alunos. A metodologia adotada consiste na análise de publicações científicas que abordam práticas pedagógicas baseadas no uso de múltiplos canais sensoriais (visuais, auditivos, táteis e cinestésicos) aplicadas em contextos educacionais para o desenvolvimento de habilidades emergentes de alfabetização. A literatura indica que crianças com TDAH e TEA frequentemente apresentam desafios na aprendizagem da leitura e escrita devido a dificuldades de atenção, processamento sensorial e interação social. Dessa forma, estratégias multissensoriais tornam-se fundamentais para favorecer a assimilação do conteúdo e o engajamento desses estudantes. Entre as abordagens analisadas, destacam-se aquelas que incorporam jogos educativos, música, movimento e experiências táteis, proporcionando um aprendizado mais dinâmico e envolvente. Métodos que integram materiais concretos, tecnologia assistiva e estratégias individualizadas demonstram maior eficácia no desenvolvimento da alfabetização desses alunos. Com base na revisão realizada, propõe-se a elaboração de um guia prático para educadores, contendo diretrizes sobre metodologias e recursos pedagógicos eficazes no ensino de crianças com TDAH e TEA. O material visa orientar os docentes na adaptação de suas práticas de ensino, auxiliando no manejo comportamental e na promoção de um ambiente de aprendizagem acessível, favorecendo o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e fortalecendo a inclusão escolar.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Formação de professores, Educação nas séries iniciais, Metodologias de ensino para inclusão.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar, especialmente no contexto da educação básica, constitui-se como um dos principais desafios e conquistas das políticas públicas brasileiras nas últimas

¹ Erick Pantoja Lobo Graduando do Curso de Lic. Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará - UFPA, loboe78@gmail.com;

² Lucas samyr silva do espírito santo Graduando pelo Curso de Lic. Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará - UFPA, lucassamyr600@gmail.com;



décadas. O atendimento de estudantes com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares é um reflexo do avanço legal e social da educação inclusiva, que se fundamenta em princípios democráticos e no direito universal à aprendizagem.

A promulgação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) consolidam a responsabilidade das instituições de ensino em oferecer um ambiente que promova acessibilidade, equidade e aprendizagem significativa. Em consonância, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça o papel da escola na valorização da diversidade e na promoção de práticas pedagógicas que reconheçam as singularidades dos sujeitos.

No caso das crianças com TDAH e TEA, a alfabetização se apresenta como um momento crítico e desafiador, pois envolve aspectos cognitivos, emocionais e sociais que demandam atenção pedagógica diferenciada. Conforme Mantoan (2015), a inclusão não é apenas um ato de integração física, mas um processo de transformação das práticas e dos valores que estruturam a escola. O professor, nesse cenário, torna-se mediador da aprendizagem e agente central da inclusão.

O presente artigo busca identificar e analisar práticas pedagógicas eficazes para o processo de alfabetização de crianças com TDAH e TEA nas séries iniciais. A partir de uma revisão bibliográfica, propõe-se construir subsídios teóricos e metodológicos para a formação docente, contribuindo com reflexões que favoreçam a consolidação de uma prática pedagógica mais humana, participativa e inclusiva.

Além disso, o estudo pretende destacar a importância das metodologias multissensoriais aquelas que envolvem diferentes canais de percepção (visual, auditivo, tátil e cinestésico) como estratégias que ampliam o engajamento e a aprendizagem desses alunos. Mais do que uma questão técnica, a educação inclusiva é um compromisso ético e político com a transformação social, como lembra Freire (1996), quando afirma que ensinar é um ato de amor e coragem.

METODOLOGIA



A presente pesquisa é de natureza qualitativa e se baseia em uma revisão bibliográfica de caráter descritivo e interpretativo. O foco foi reunir e analisar estudos que tratam das práticas pedagógicas voltadas à alfabetização de crianças com TDAH e TEA, bem como investigações sobre formação docente e metodologias inclusivas aplicadas no contexto das séries iniciais do ensino fundamental.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e ERIC (Education Resources Information Center), utilizando os descritores: “educação inclusiva”, “TDAH”, “TEA”, “alfabetização”, “formação docente” e “metodologias multissensoriais”. Foram considerados artigos, dissertações, teses e livros publicados entre 2010 e 2024, com ênfase em produções que dialogassem com o contexto da educação brasileira.

O processo de seleção foi dividido em três etapas:

1. Identificação e leitura dos resumos dos materiais encontrados;
2. Seleção dos textos com maior relevância temática;
3. Análise crítica do conteúdo, a partir de categorias emergentes: a) Estratégias pedagógicas e sensoriais para alfabetização; b) Papel da formação docente e da mediação afetiva; c) Recursos tecnológicos e materiais concretos no processo inclusivo.

A análise dos dados seguiu o princípio da análise de conteúdo proposto por Bardin (2016), buscando interpretar os significados presentes nas produções acadêmicas e identificar convergências entre as experiências relatadas.

Além da literatura acadêmica, também foram observados relatos de experiências pedagógicas divulgados em eventos e revistas educacionais, de modo a aproximar o estudo da realidade vivida por professores em sala de aula. O cruzamento entre teoria e prática permitiu compreender as potencialidades e os desafios da inclusão de crianças com TDAH e TEA em processos de alfabetização.

REFERENCIAL TEÓRICO



O A base teórica que sustenta esta discussão parte da compreensão da aprendizagem como um fenômeno social, interativo e situado. Vygotsky (1997) afirma que o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da interação entre sujeito e meio, sendo mediado pela linguagem e pelas relações sociais. Essa perspectiva dialoga diretamente com a inclusão, pois coloca o outro como elemento constitutivo do processo educativo.

Para crianças com TDAH e TEA, a mediação docente assume papel essencial. No caso do TDAH, Barkley (2016) destaca que as dificuldades de autorregulação, atenção e controle impulsivo exigem estratégias que mantenham o aluno engajado de forma ativa e dinâmica. Já no TEA, segundo (2006) Klin, a comunicação e a interação social precisam ser trabalhadas por meio de estímulos visuais claros, rotina estruturada e apoio sensorial.

Piaget (1972) enfatiza que o conhecimento se constrói pela ação — o que reforça o uso de atividades práticas, jogos e manipulação de objetos no ensino inicial. Essas metodologias possibilitam que a criança compreenda o mundo a partir de sua experiência concreta, criando pontes cognitivas entre o que vê, sente e pensa.

A afetividade, discutida por Wallon (2008) e Freire (1996), também se mostra indispensável nesse contexto. O vínculo afetivo entre professor e aluno fortalece a motivação e a segurança emocional, condições fundamentais para que o estudante com transtornos do neurodesenvolvimento consiga participar ativamente das atividades escolares.

Outra dimensão relevante é a da neurodiversidade, conceito que busca valorizar as diferenças cognitivas e comportamentais como parte da diversidade humana (SINGER, 2017). Sob essa ótica, o TDAH e o TEA deixam de ser vistos apenas como limitações e passam a representar modos singulares de aprender e interagir. A escola inclusiva, portanto, é aquela que se adapta à pluralidade dos modos de ser e aprender.

Nesse sentido, Mantoan (2015) e Baptista (2019) defendem que a formação docente precisa incorporar o princípio da flexibilidade metodológica, promovendo o desenvolvimento de práticas pedagógicas criativas e sensíveis às particularidades dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A revisão da literatura revelou uma ampla variedade de estratégias pedagógicas voltadas ao ensino de crianças com TDAH e TEA, indicando que não há um método único ou universal, mas um conjunto de princípios e práticas que se mostram mais eficazes quando aplicados com intencionalidade e sensibilidade pelo professor.

Entre os achados mais significativos, destaca-se o papel das metodologias multissensoriais, que envolvem diferentes canais perceptivos para potencializar o aprendizado. De acordo com Capellini e Rodrigues (2014), o uso de materiais visuais, auditivos e táteis auxilia na formação de conexões neurais diversas, ampliando as vias de compreensão e memorização. Em atividades de alfabetização, isso pode ocorrer, por exemplo, quando o professor associa o som da letra (estímulo auditivo) à forma escrita (visual) e a uma atividade prática, como a modelagem da letra com massinha (tátil e cinestésica).

Nos casos de alunos com TDAH, estratégias que envolvem movimento e alternância de tarefas demonstram resultados positivos. O aluno pode ser convidado a ler pequenos trechos em voz alta, circular palavras no quadro ou participar de jogos de soletração, o que ajuda a canalizar sua energia e manter a atenção. Barkley (2016) argumenta que a estimulação física e a estrutura de tarefas curtas e desafiadoras reduzem a dispersão e fortalecem a autorregulação.

Já no TEA, as práticas mais eficazes são aquelas que aliam estrutura, rotina e previsibilidade. A literatura destaca o uso de materiais visuais organizadores, como quadros de rotina, cartões de atividades e histórias sociais, que ajudam o aluno a compreender o que será realizado e o que se espera de sua participação (KLIN, 2006). Além disso, atividades que envolvem música, dramatização e tecnologias interativas, como aplicativos de comunicação alternativa, favorecem a expressão e a compreensão simbólica.

Outro aspecto importante identificado é o papel da afetividade e da mediação docente. Segundo Freire (1996), a relação educativa deve ser fundada no diálogo e na escuta ativa. Professores que demonstram empatia e respeito às singularidades dos alunos criam um ambiente emocionalmente seguro, o que é essencial para o aprendizado de crianças com



TDAH e TEA. Wallon (2008) complementa que o afeto não é oposto à razão, mas um elemento estruturante da inteligência.

Em experiências relatadas por Pletsch (2017) e Nunes e Silva (2020), professores que participaram de formações continuadas sobre educação inclusiva desenvolveram maior confiança para adaptar conteúdos, criar materiais personalizados e utilizar recursos tecnológicos. Isso mostra que a formação docente contínua é o elo entre teoria e prática, sendo fundamental para o êxito da inclusão.

No campo da tecnologia educacional, ferramentas como softwares de leitura, vídeos interativos e aplicativos de reconhecimento de voz têm sido aliados valiosos. Nunes e Silva (2020) relatam que o uso de tablets e jogos digitais adaptados promove maior engajamento em alunos com TEA, pois esses recursos favorecem o controle do ritmo e a personalização das atividades.

Em contrapartida, a literatura também aponta *desafios persistentes. Muitos professores ainda se sentem despreparados para lidar com a diversidade em sala de aula, devido à escassez de formação específica e à sobrecarga de trabalho. Mantoan (2015) lembra que não basta inserir o aluno com deficiência na escola: é preciso transformar o modo de ensinar. Essa transformação requer políticas públicas que garantam condições adequadas de trabalho, apoio multiprofissional e formação reflexiva.

Outro ponto crítico é a resistência de parte das escolas em abandonar práticas tradicionais e centradas na homogeneização. O paradigma inclusivo exige um novo olhar sobre a avaliação, o tempo de aprendizagem e os próprios critérios de sucesso escolar. Nesse sentido, Baptista (2019) enfatiza que a inclusão desafia as estruturas escolares, pois questiona a lógica excludente que historicamente marcou a educação brasileira.

Os resultados desta revisão confirmam que as práticas inclusivas mais exitosas são aquelas que articulam afetividade, ludicidade, tecnologia e formação docente. A aprendizagem de crianças com TDAH e TEA é possível e significativa quando o ensino parte da escuta sensível, da experimentação e do reconhecimento da diversidade como potência, e não como obstáculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente estudo permitiu compreender que a inclusão de crianças com TDAH e TEA nas séries iniciais exige mais do que adaptações pontuais: requer uma mudança de mentalidade e a construção de uma pedagogia da diversidade. As práticas analisadas demonstram que o uso de metodologias multissensoriais, o fortalecimento da afetividade e a personalização do ensino são caminhos promissores para uma alfabetização verdadeiramente inclusiva.

Constatou-se que o professor é o principal mediador desse processo, e sua formação continuada é um fator determinante para o sucesso da inclusão. A formação docente deve envolver momentos de estudo, reflexão e trocas de experiências, de modo a aproximar teoria e prática. Essa formação não se limita a técnicas, mas envolve uma formação humana e ética, que reconhece o aluno como sujeito de direitos e de possibilidades.

O estudo também evidencia que políticas públicas como a Lei Brasileira de Inclusão e as Diretrizes da Educação Especial precisam ser efetivadas nas escolas, garantindo suporte pedagógico e estrutural. O investimento em formação e acompanhamento multiprofissional pode potencializar o trabalho docente e reduzir as barreiras que ainda dificultam o acesso e a permanência dos alunos com TDAH e TEA.

Como encaminhamento prático, propõe-se a elaboração de um guia pedagógico voltado à formação docente, reunindo metodologias, dinâmicas e recursos tecnológicos que auxiliem o ensino de crianças com TDAH e TEA. Esse material poderá ser utilizado em programas de capacitação e servir como instrumento de apoio para professores das séries iniciais.

Por fim, a pesquisa reforça que a educação inclusiva é uma construção coletiva e contínua. Ensinar alunos com diferentes modos de aprender é também aprender com eles: sobre paciência, criatividade e empatia. A escola inclusiva é, portanto, aquela que se reinventa todos os dias, comprometida com o direito de todos à aprendizagem e à dignidade humana.

AGRADECIMENTOS



A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio, incentivo e compreensão de pessoas e instituições que contribuíram, direta ou indiretamente, para o desenvolvimento da pesquisa e a concretização deste artigo.

Em primeiro lugar, agradecemos profundamente às nossas famílias, cuja presença constante e afetuosa foi essencial durante todo o percurso acadêmico. Aos nossos familiares, que nos ofereceram suporte emocional, paciência e palavras de encorajamento em cada etapa do processo, dedicamos esta conquista. Foi o apoio de vocês que nos deu força para seguir firmes diante dos desafios, especialmente na reta final da escrita e na preparação para a apresentação deste trabalho no congresso. A confiança depositada em nós e o amor incondicional de cada um foram combustível para continuar acreditando na importância da educação e da pesquisa como instrumentos de transformação.

Agradecemos também aos amigos e colegas de caminhada acadêmica, que, por meio das trocas, diálogos e debates, ajudaram a amadurecer ideias e ampliar reflexões que compõem o corpo deste artigo. Cada conversa, sugestão e incentivo foram fundamentais para a consolidação do pensamento crítico que sustenta este estudo.

Um agradecimento especial à Universidade Federal do Pará (UFPA), que não apenas acolheu nossa trajetória de formação, mas também disponibilizou os recursos e o ambiente acadêmico necessários para o desenvolvimento desta pesquisa. O acesso a bibliotecas, orientações de docentes, eventos e grupos de estudo foi essencial para que este trabalho ganhasse consistência teórica e relevância social.

Estendemos nossa gratidão aos professores que, com paciência e comprometimento, compartilharam seus conhecimentos e experiências, contribuindo para o crescimento científico e humano necessário à produção deste artigo. Sua dedicação à formação de futuros educadores inspira e fortalece a crença em uma educação pública de qualidade, crítica e transformadora.

Por fim, este trabalho é também resultado de um sonho coletivo: o de ver uma escola verdadeiramente inclusiva, capaz de acolher as diferenças e valorizá-las como expressão da riqueza humana. Que cada esforço aqui dedicado possa se transformar em novas práticas, novos olhares e novas possibilidades de ensinar e aprender.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta viagem acadêmica se tornasse realidade e culminasse na conclusão deste estudo, registramos nossa mais sincera gratidão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.



- BARKLEY, R. A. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: um guia completo para o cuidado, diagnóstico e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- BAPTISTA, C. R. et al. Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 set. 2001.
- CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. Práticas pedagógicas para inclusão de alunos com TDAH e TEA. São Paulo: Cortez, 2014.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- KLIN, A. Autismo e Síndrome de Asperger: um guia para profissionais e familiares. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.
- NUNES, L.; SILVA, A. P. Tecnologias assistivas e inclusão escolar: práticas e desafios. Revista Educação e Tecnologia, v. 25, n. 3, p. 42-58, 2020.
- PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1972.
- PLETSCH, M. D. Educação inclusiva: práticas pedagógicas e formação de professores. Rio de Janeiro: Wak, 2017.
- SINGER, J. Neurodiversity: The Birth of an Idea. Sydney: Judy Singer, 2017.



WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

